

Conselhos que só as vaias sabem dar

O Brasil continua de mal com a Presidência. O ocupante da cadeira é outro, mas o mal-estar é o mesmo

EUGÊNIO BUCCI

27/08/2016 - 10h00 - Atualizado 25/10/2016 20h43

Compartilhar

Assine já!

O presidente interino **Michel Temer** não tinha a menor dúvida de que seria vaiado na abertura dos **Jogos Olímpicos de 2016**, na noite de 5 de agosto. Ninguém tinha dúvidas, e assim foi. Como uma pitada de fel no meio do doce espetáculo preparado por Fernando Meirelles, Andrucha Waddington e Daniela Thomas, as galeras plácidas do Maracanã, até ali embevecidas com o patriótico festival de cores, samba, fogos e luzes que espoucavam contra o céu profundo, explodiram em retumbantes apupos. Nos alto-falantes, soava a voz indecisa do chefe de governo. Temer providenciou para que seu nome não fosse anunciado, mas a massa percebeu que era ele ao microfone. A reação foi estrondosa. Durou pouco, mas foi o suficiente. Por mais que os cerimoniais da vida nacional procurem ocultar, o Brasil continua de mal com a Presidência da República. O ocupante da cadeira é outro, mas o mal-estar parece ser o mesmo, embora menos raivoso e menos selvagem.

Esse tipo de alarido não é bom, quer dizer, é legítimo e compreensível, mas não prenuncia coisas boas. O Planalto deveria prestar mais atenção a ele.

Voltemos um pouco no tempo para entender melhor. No dia 12 de junho de 2014, na Arena Corinthians, em São Paulo, em plena abertura da Copa do Mundo, o repúdio à autoridade máxima do Brasil foi muito mais enfático – e muito mais chulo. A titular da vez era **Dilma Rousseff**, pobre Dilma Rousseff. Os jogadores do Brasil e da Croácia se perfilaram no gramado para a execução dos hinos nacionais. Até aí, tudo normal. Na hora do hino do time da casa, as arquibancadas cantaram a letra inteirinha, à revelia do playback protocolar da Fifa, mas isso era esperado. Vaias também eram esperadas, mas não era esperado o que veio a seguir. Bastava a imagem da presidente da República aparecer nos telões para que os espectadores urrassem num uníssono bem ritmado: “Ei, Dilma, vai tomar no...! Ei, Dilma, vai tomar no...!” A presidente fez cara de enfado, enquanto representantes de outras nações pediam aos tradutores que explicassem o que é que aquele coro queria dizer.

Um toque de perversidade, na ocasião, foi a composição demográfica da turba que gritava palavrões. Ali estava a elite brasileira: sobrenomes quatrocentões, potentados diversos, socialites riquíssimas e playboys sorridentes. Quem bradava não era o populacho, mas a classe dominante, lavando sua roupa suja na frente do mundo inteiro.

Foi chato, muito chato, mas, se tivesse um mínimo de sensibilidade, o Poder saberia que a paciência dos brasileiros já tinha transbordado fazia tempo. Avisos não faltaram. Em junho de 2013, um ano antes, outro estádio de futebol tinha repudiado a mesma Dilma Rousseff. No dia 15 de junho, os torcedores que lotavam o

Mané Garrincha, no Distrito Federal, na abertura da Copa das Confederações, vaiaram Dilma com vontade. Naquele mesmo mês de junho de 2013, os protestos de rua corriam o país inteiro e amedrontavam governantes, autoridades e as mães de adolescentes que corriam atrás dos filhos nas passeatas.

Eram tantas as manifestações de reprovação que até parecia que o destino de Dilma estava selado, mas não. Insistente, a chefe de governo resolveu tentar a reeleição em 2014. Montou um bunker de marquetagem mortal, que esfacelou as pretensões eleitorais de Marina Silva, a quem acusava de estar a serviço dos banqueiros. Contrariando o que as vaias vaticinavam, Dilma prometeu o paraíso igualitário a esta terra e conseguiu vencer nas urnas. Um dia depois, negou suas promessas e adotou justamente a política econômica que, segundo seus marqueteiros, seria a cartilha dos banqueiros que apoiavam a candidatura de Marina Silva. Com uma campanha caluniosa e com a vitória da mentira, o que veio depois foi o vexame.

Se tivesse escutado com menos arrogância o conselho que as vaias lhe davam de graça, Dilma Rousseff teria poupado a gente brasileira – principalmente o populacho – de sofrimento e aflição. Mas ela não ouviu conselhos de ninguém, nem das torcidas, nem das elites, nem do povão e nem mesmo de seu padrinho político, Luiz Inácio Lula da Silva.

Agora, quem anda escutando vaias é seu sucessor por vias transversas, Michel Temer. Resta-nos torcer para que ele tenha mais grandeza e menos ganância. A sua volta, áulicos insistem para que ele seja candidato em 2018, como se essa fosse uma boa hora para tocar nesse tipo de assunto. Será que eles também não intuem a sabedoria que ruge por trás das vaias nos estádios de futebol?

Às vezes, dá vontade de escrever algo assim: “Uuuuuuuuuu!”. Acordem, autoridades. Acordem, nem que seja por amor ao esporte.